

La Comédiathèque

Flagrante delirio

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Flagrante delírio

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Um cadáver numa sauna e uma história de plágio. O Comissário Carvalho está encarregado de uma investigação que parece conduzir a um assunto de Estado. A menos que tudo isso seja apenas teatro...

Personagens:

Comissário Carvalho (homem ou mulher)

Inspetor Da Costa (homem ou mulher)

Comissário Rodrigues (homem ou mulher)

Comissário Principal Narizon (homem ou mulher)

Barão de Casteladrão (homem ou mulher travestido)

Baronesa de Casteladrão (mulher ou homem travestido)

© La Comédiathèque

Ato 1

Um escritório antiquado em uma delegacia antiga. Móveis simples e obsoletos. O inspetor Da Costa ronca, afundado em sua mesa atrás de uma garrafa de uísque. O comissário Carvalho chega. Sem sequer olhar para Da Costa, ele tira seu sobretudo e o pendura em um cabide. Ele se senta na outra mesa e começa a ler uma revista para aposentados, com um artigo deprimente na capa (como Aposentadoria e Depressão). Claramente, ele não está acostumado a esse tipo de leitura e mostra um ar cético. O telefone fixo de outra época, em sua mesa, começa a tocar. Da Costa sai lentamente de seu torpor. Carvalho atende.

Carvalho – Carvalho, estou ouvindo. Bom dia, senhor... Não, infelizmente, o Comissário Rodrigues nos deixou.

A Comissária Principal Narizon entra no escritório com uma coroa que traz a inscrição "Ao nosso saudoso colega e amigo".

Carvalho (*olhando a coroa*) – Sim, definitivamente, pode-se dizer assim... Não, ele não mencionou esse assunto antes de partir... Sim, suponho que ele não teve tempo... Sem problemas, pode vir quando quiser.

Carvalho desliga o telefone. Narizon coloca a coroa na mesa de Carvalho.

Narizon – Bom dia, Carvalho.

Da Costa – Senhora Comissária...

Narizon lança um olhar desaprovador para Da Costa, que desperta lentamente.

Narizon – Inspetor...

Carvalho (*lendo*) – "Ao nosso saudoso colega e amigo". É muito gentil da sua parte, Narizon, mas não era necessário... Afinal, estou apenas me aposentando...

Da Costa se levanta e dá alguns passos vacilantes.

Narizon – De qualquer forma, Carvalho... É para o Comissário Rodrigues... O funeral foi esta manhã... Tínhamos que fazer um gesto...

Carvalho – Ah, sim, claro, Rodrigues... Esta manhã? E você trouxe a coroa?

Da Costa se aproxima da coroa e coloca a mão sobre ela.

Da Costa – Elas são falsas, não são?

Carvalho – Ah, sim, realmente estão bem feitas...

Narizon – A vantagem das flores artificiais é que são eternas. Assim como nossos remorsos. Portanto, podem ser usadas várias vezes...

Carvalho – Claro... E como não há nome na coroa... é conveniente...

Narizon – Como todos sabem, o orçamento da polícia foi reduzido novamente este ano para tentar reduzir o déficit abismal do país...

Carvalho – Coroas mortuárias falsas... É hora de eu deixar a polícia. Em breve, estarão nos equipando com pistolas de água e coletes à prova de balas falsos.

Da Costa (*murmurando*) – Contanto que me deixem beber uísque de verdade...

Da Costa tenta esconder sua garrafa. Narizon lança um olhar irritado, mas prefere não dar atenção.

Narizon – Então, comissário, este é o seu último dia! E como está preparando esta aposentadoria?

Carvalho (*mostrando sua revista*) – Estou tentando me informar um pouco lendo a imprensa especializada. Por enquanto, só me dá vontade de me suicidar.

Narizon – Vamos, Carvalho, ainda é jovem. Poderia ter ficado mais alguns anos conosco. O que o faz nos deixar se teme ficar entediado?

Carvalho – Não se deve cansar a plateia, Narizon... (*Irônico*) Prefiro sair no auge da minha glória...

Seu telefone toca novamente.

Carvalho – Carvalho, estou ouvindo. Sim, senhor Diretor... Muito bem, senhor Diretor... Adeus, senhor Diretor... (*Desliga*) Era o senhor Diretor...

Narizon – Imagino que tenha ligado para parabenizá-lo pessoalmente antes desta merecida aposentadoria.

Carvalho – Principalmente, ele queria ter certeza de que eu não estaria aqui amanhã de manhã... e de que não levaria nenhum dossiê comprometedor comigo.

Da Costa – Comprometedor para quem?

Carvalho – Alguma coisa mais a dizer, senhora Comissária? Algum último caso para me confiar, talvez?

Narizon – Na verdade, não, Carvalho... O dia parece bastante tranquilo. Você terá todo o tempo para fazer as malas tranquilamente.

Carvalho se levanta e pega a coroa.

Carvalho – Começarei por devolver estas flores ao depósito. Aguardando outra oportunidade para arejá-las novamente.

Da Costa – Sim, melhor... porque poderiam pensar que estão o enterrando...

Carvalho sai com a coroa.

Narizon – A que horas é sua festa de despedida?

Da Costa – Às seis da tarde... Depois do expediente.

Narizon – Muito bem... Você não disse nada a ele, não é? Deve ser uma surpresa...

Da Costa – Fique tranquila, não disse nada. Mas, afinal, pode-se realmente esconder algo de um grande policial como ele?

Narizon – Sem álcool na festa, certo? Você conhece as novas instruções...

Da Costa – Fique tranquila, senhora Comissária. Nunca bebo fora do horário de serviço... Substituímos o champanhe real por sidra sem álcool.

Narizon – É tão bom quanto... e muito mais barato. Mas onde você escondeu as garrafas para que ninguém as veja?

Da Costa – Coloquei para gelar. Em um lugar onde não estão perto de encontrá-las.

Narizon – Onde está?

Da Costa – Na câmara frigorífica, na morgue.

Narizon – Nunca teria pensado nisso... Bem, vou deixar você trabalhar. E já que você também não parece muito ocupado, se pudesse organizar um pouco toda essa bagunça, Da Costa...

Da Costa – Sim, senhora Comissária.

Narizon – O Delegado do Governo estará aqui esta noite para a festa de despedida do Carvalho. Não quero que ele tenha uma má impressão...

Da Costa – Está bem, senhora Comissária.

Narizon sai.

Da Costa – Parece que estou ouvindo minha mãe me dizendo para arrumar meu quarto...

Concha Rodrigues chega e olha para Da Costa, que toma um gole de uísque para animar.

Da Costa – Definitivamente, não se pode ter paz nem por cinco minutos.

Rodrigues – Desculpe interrompê-lo enquanto trabalha...

Da Costa – Da próxima vez, senhorita, deve se anunciar ao guarda na entrada. Em que posso ajudá-la?

Rodrigues – Sou a Comissária Rodrigues.

Da Costa – Eu sei que mudar de sexo está na moda nos dias de hoje, mas... note que enterramos o Comissário Rodrigues esta manhã.

Rodrigues – Sim. Aliás, não o vi na igreja.

Carvalho retorna com a coroa.

Carvalho – Não há mais espaço no depósito... Vai melhorar quando eu esvaziar minhas coisas... Vou deixá-la aqui por enquanto...

Ele coloca a coroa e olha para Rodrigues.

Carvalho – Senhorita... Posso ajudá-la em algo?

Da Costa – Ele vai rir, Comissário. Esta senhora afirma ser a Comissária Rodrigues.

Carvalho – Bem, até agora não acreditava em reencarnação. Mas se for verdade, não estamos perdendo nada, não é mesmo, Da Costa? Porque da última vez que vimos o Comissário Rodrigues, ele tinha muito menos sex appeal do que você, acredite em mim.

Da Costa – Entre nós, o chamávamos de O Porco...

Narizon retorna.

Narizon – Ah, Comissário, já está aqui? Cavalheiros, apresento a Comissária Concha Rodrigues. Ela é filha do nosso querido colega, a quem prestamos homenagens esta manhã antes de enterrá-lo.

Carvalho – Sério?

Da Costa – Agora que menciona... Sim, há uma certa semelhança de família...

Carvalho (*estendendo a mão para Rodrigues*) – Comissário Carvalho. Meus pêsames... Sinto muito por não ter podido comparecer à cerimônia, mas hoje é meu último dia aqui, e...

Narizon – Precisamente, Comissário... Esqueci de mencionar, mas a partir de agora a Senhorita Rodrigues ocupará a sua escrivaninha, neste mesmo escritório que você já compartilhava com o pai dela...

Carvalho – Se for um assunto de família, então...

Narizon – Redução de pessoal. Substituição de um funcionário a cada dois que se aposentam ou vão para o cemitério. Vocês já conhecem a música...

Carvalho – Então, a senhorita Rodrigues vai nos substituir a ambos...

Narizon – Tenho certeza de que esta jovem recém-formada está totalmente qualificada para substituir dois experientes policiais. Embora, obviamente, o Comissário Carvalho não possa ser substituído...

Carvalho – Como diz o poeta... a mulher é o futuro do homem.

Rodrigues – Obrigada por esta calorosa recepção...

Narizon – Vou levá-la por cinco minutos, tenho alguns documentos que você precisa assinar para sua nova atribuição conosco. Depois, Carvalho, por favor, coloque-a a par dos casos em andamento...

Carvalho – Com prazer, senhora Comissária.

Rodrigues – Obrigada pela coroa, fiquei muito emocionada.

Da Costa tenta esconder a coroa.

Narizon – Seu pai foi um grande policial, morreu a serviço de sua pátria... Siga-me, por favor.

Narizon sai com Rodrigues.

Da Costa – A serviço de sua pátria... Morreu em um restaurante durante o almoço engasgado com um mexilhão...

Carvalho – A pergunta é: o que essa mulher está fazendo aqui? Um policial não é como um notário. O cargo não se herda de pai para filho...

Da Costa – Talvez a filha queira pegar a tocha que seu pai deixou cair na queda...

Carvalho – Tenha cuidado, Da Costa, o uísque está o deixando teatral. Mas você está certo. Se ele morreu a serviço da pátria engolindo um mexilhão... Nesse caso, se você morrer amanhã de cirrose hepática, receberá uma medalha póstuma por sua importante contribuição para o IVA do álcool.

Da Costa – Não tenho certeza, chefe. É uísque contrabandeado. Um estoque apreendido na fronteira marroquina pelos nossos colegas espanhóis.

Carvalho – Se os árabes começarem a fabricar uísque, Da Costa, não é apenas porque a globalização está em andamento. É porque o fim do mundo está próximo, acredite em mim.

Da Costa – Você está certo, chefe. Também tenho notado sinais de um apocalipse iminente ultimamente. Por exemplo, é verdade que não é comum morrer engasgado com um mexilhão. Eu até diria que é estranho.

Carvalho – Estranho? O que está insinuando, Da Costa? Você não vai cair também na teoria da conspiração? Tem alguma razão para suspeitar da irmandade dos cultivadores de ostras como inimigos da polícia?

Da Costa – Mexilhões, chefe. Ele morreu engasgado com um mexilhão.

Carvalho – Bem, estou ouvindo...

Da Costa – Eis o cenário que vejo: a filha nunca acreditou na tese do acidente... e é para esclarecer esse caso que ela foi designada para a mesma delegacia onde seu pai trabalhava, no mesmo dia de seu enterro.

Carvalho – O que lhe faz pensar isso, Da Costa?

Da Costa – Eu não sei... Já vi isso em uma série policial.

Carvalho – Eu já disse, Da Costa. Você assiste televisão demais. Aliás, espero que você não tenha organizado uma festa surpresa de despedida para mim. Adianto que odeio surpresas. E não há nada mais parecido com um funeral do que uma festa de despedida...

Da Costa – Fique tranquilo, Comissário. Suas últimas vontades serão respeitadas. Você sairá sem flores nem coroas...

Rodrigues retorna.

Carvalho – Ah, Comissária Rodrigues... Estávamos justamente falando sobre a memória de seu falecido pai.

Da Costa – E sobre as circunstâncias heróicas de sua morte.

Carvalho lança a Da Costa um olhar reprovador.

Rodrigues – Vejo apenas duas mesas... Onde vou me instalar?

Carvalho – Hoje, teremos que compartilhar a minha. Mas amanhã será toda sua, não se preocupe.

Da Costa – Claro, há um pouco de limpeza a fazer, Rodrigues...

Rodrigues – Se me permite, Inspector, prefiro que me chame de Comissária Rodrigues.

Da Costa – Claro, Comissária.

Ela se aproxima da mesa de Carvalho.

Rodrigues – Você não tem um computador?

Carvalho – O que você quer? Sou um policial à moda antiga... Quando comecei minha carreira, as novas tecnologias se limitavam às primeiras máquinas de escrever com fita e às primeiras calculadoras eletrônicas.

Rodrigues – Entendo...

Carvalho – Estou me aposentando esta noite. Não vale a pena mudar meus métodos de trabalho agora, não é?

Rodrigues – Pedirei à Comissária Narizon para providenciar um computador de mesa para mim.

Carvalho – Quer um café?

Da Costa – A menos que a senhorita prefira chá...

Ela o olha furiosa.

Rodrigues – Um café está bom.

Carvalho serve um café em uma xícara ridícula de design e entrega como se fosse uma relíquia sagrada.

Carvalho – Aqui está, era a xícara de seu pai... Acho que ele ficaria orgulhoso de passá-la pessoalmente se tivesse tido tempo.

Rodrigues – Obrigada... Vou tentar ser digna dela.

Carvalho – Um café, Da Costa?

Da Costa – Sim, com adoçante e um pouco de leite, por favor...

Carvalho também serve um café para Da Costa. Todos dão um gole e fazem caretas.

Carvalho – Se me perguntar, Rodrigues, uma verdadeira reforma policial seria equipar todas as delegacias com uma máquina de expresso.

Da Costa derrama uma lágrima de uísque em seu café, o que não passa despercebido por Rodrigues.

Rodrigues – Sim... E por que não com bafômetros...

Silêncio desconfortável. Eles terminam o café. A Baronesa Margarida de Casteladrão entra na sala.

Margarida – Comissário Carvalho?

Carvalho – Até esta noite, sim.

Margarida – Comissário, venho informar sobre a morte do meu marido.

Da Costa – Parece que as férias terminaram...

Carvalho – Por favor, sente-se.

Margarida senta.

Carvalho – Se começar por me dizer quem é, querida senhora.

Carvalho faz um sinal para Da Costa se aproximar e prestar assistência.

Da Costa – Nome, sobrenome, idade, profissão... Se tiver alguma.

Carvalho lança um olhar de desaprovação para Da Costa enquanto Margarida o encara furiosa.

Carvalho – Se não trabalha, basta nos dizer do que se ocupa na vida.

Margarida – Baronesa Margarida de Casteladrão. A quinta do seu nome.

Carvalho (*para Rodrigues*) – Claro, Comissária, se quiser juntar-se a nós...

Rodrigues – Comissária Concha Rodrigues. A segunda do seu nome.

Da Costa – Idade...? Profissão...?

Margarida – Minha idade não é da sua conta, e, de fato, presumo fazer parte das pessoas de qualidade que, por definição, não precisam ter uma profissão.

Carvalho – Muito bem... Pode pelo menos nos dizer o nome do seu falecido marido?

Margarida – Henrique de Casteladrão.

Da Costa – Profissão?

Margarida – Não me diga que nunca ouviu esse nome antes...

Carvalho – Bem, em nossa profissão, vemos tanta gente passar...

Da Costa – Então, se ele não tinha antecedentes criminais...

Margarida – Os De Casteladrão não têm antecedentes criminais, Senhor. Têm apenas títulos de nobreza...

Rodrigues – Se voltarmos ao nosso assunto, estimada senhora... Onde encontrou o seu marido?

Margarida – Quer dizer, depois da morte, suponho?

Rodrigues – Eh... sim.

Margarida – No porão da nossa mansão, na área de fitness...

Da Costa – Ótimo...

Margarida – Na sauna.

Carvalho – Na sauna?

Margarida – Foi um terrível acidente, Comissário...

Rodrigues – E tem certeza de que ele está morto?

Margarida – Na noite passada, não percebi que ele tinha desaparecido. O Jaguar dele não estava na garagem. Pensei que ele tinha saído. Foi só esta manhã...

Rodrigues – Esta manhã?

Margarida – Já se passaram cerca de doze horas desde que ele está na sauna.

Da Costa – Então tem certeza de que ele está morto.

Margarida – É difícil de dizer. Pela janela, só se vê vapor. E algumas marcas de unhas no vidro. Mas acredito que ninguém sobrevive a isso. Especialmente porque o meu marido tinha o coração fraco.

Rodrigues – E não tentou retirá-lo de lá?

Margarida – Aparentemente, a porta da sauna está emperrada. Deve ter inchado com o calor... Em vez de chamar um técnico, preferi informar a polícia.

Carvalho – Fez bem, estimada senhora... O Inspetor Da Costa a levará para a sala ao lado para prestar seu depoimento. E enviaremos alguém à sua residência para verificar os fatos...

Margarida – Obrigada, Comissário.

Da Costa – Baronesa, se tiver a amabilidade de me acompanhar...

Da Costa sai com Margarida.

Carvalho – Uma baronesa... A única coisa que faltava...

Rodrigues – O que acha deste caso, Comissário?

Carvalho – Este caso? Que caso? À primeira vista, parece ser apenas um acidente doméstico, não?

Rodrigues – Não sei... Parece suspeito, essa história da sauna.

Carvalho – É verdade que não é comum, mas enfim. Morrer de um ataque cardíaco na sauna ou engasgado com um mexilhão em um restaurante... (*Rodrigues lança um olhar furioso.*) Peço desculpa, não pretendia despertar lembranças dolorosas em você...

Rodrigues – Em ambos os casos, não acredito na teoria do acidente.

Carvalho – Compreendo que esteja um pouco tenso hoje, mas a dor está a desorientá-la. Não é preciso ver o mal em tudo, Rodrigues.

Rodrigues – Ah, sim? Pensei que era nosso trabalho suspeitar de todos...

Carvalho – Então, para você, todo inocente é um culpado que não sabe?

Rodrigues – Não acha estranho alguém ficar preso numa sauna a noite toda?

Carvalho – Bem, você está certa... A sauna estava trancada por fora... É verdade que seria um bom título para uma comédia policial...

Narizon entra preocupada.

Narizon – Acabei de saudar a Baronesa de Casteladrão, que está prestando depoimento sobre a morte suspeita do marido...

Carvalho – Você também vai começar com isso? Um idoso que morre de ataque cardíaco numa sauna! Coisas que acontecem todos os dias, não é?

Narizon – Não percebe, Carvalho. Estamos a pisar em ovos! Henrique de Casteladrão não é uma pessoa qualquer.

Carvalho – Ah, sim? E quem exatamente ele é?

Narizon – Nunca ouviu falar de Henrique de Casteladrão?

Carvalho – Me soa vagamente familiar... Mas por que ele é famoso, exatamente?

Narizon – Já não me recordo muito bem. De qualquer forma, vemo-lo frequentemente na televisão.

Rodrigues – Certamente, é por isso que ele é muito conhecido.

Carvalho – Nos meus tempos, estava-se na televisão porque se era conhecido, agora é-se conhecido porque se está na televisão...

Narizon – Tentei contactar o Procurador Bombeiro para informá-lo e pedir instruções, mas o telemóvel dele não está a atender.

Rodrigues – O Procurador Bombeiro? Esse é o nome verdadeiro dele?

Carvalho – De qualquer forma, é um nome predestinado. Assim que surge um caso embaraçoso, eles o enviam para apagar o incêndio.

Narizon – De qualquer forma, Carvalho, peço que trate deste assunto com a maior discrição.

Carvalho – E eu que esperava encerrar minha carreira com um caso espetacular...

Narizon – Sem exageros, Carvalho. É o seu último dia. Falei de você ao Senhor Procurador para a medalha, e ele deve mencioná-lo ao Ministro...

Rodrigues – Se me permite, Senhora Comissária Principal, gostaria de acompanhar o Comissário Carvalho nesta investigação.

Narizon – Excelente ideia, Rodrigues. Você não tem objeções, Carvalho? Será uma oportunidade para que ela se familiarize...

Carvalho – Quer dizer, será uma oportunidade para que ela me vigie e o informe a você...

Narizon – Também, sim... Estamos lidando com pessoas famosas, Carvalho. Celebidades.

Carvalho – Sim, entendi. Pessoas conhecidas, enfim.

Narizon – De qualquer forma, não são cidadãos comuns.

Carvalho (*sentencioso*) – Seja o réu poderoso ou infeliz, os julgamentos da corte o tornarão branco ou negro...

Narizon – Conheço seus métodos às vezes um pouco descuidados, Comissário. Sem mencionar Da Costa. Acredito que a Srta. Rodrigues estará mais apta a conduzir este assunto com a delicadeza necessária.

Rodrigues – Nesse caso, irei imediatamente ao local, Senhora Comissária.

Narizon – Conto com você para agir com a maior discrição, Rodrigues.

Rodrigues sai.

Carvalho – Então você está me afastando de um caso delicado. A poucas horas da aposentadoria?

Narizon – Mas é claro que não, Carvalho! Só disse isso para lhe dar confiança.

Carvalho – Estou brincando, Narizon. Na verdade, não me importo com essa história. E se puder ajudar um pouco essa pobre garota a passar pelo que está enfrentando...

Narizon – A morte do pai dela a afetou profundamente. Aliás, conto com você para orientá-la em sua primeira missão. Acredita que podemos confiar nela?

Carvalho – De tal pai, tal filha...

Narizon – Não sei se isso me tranquiliza... O pai dela morreu engasgado com um mexilhão...

Narizon sai. Carvalho suspira e começa a empacotar o conteúdo de suas gavetas numa caixa.

Corta.

Ato 2

Carvalho guarda as suas coisas. Da Costa volta.

Carvalho – Quanta bagunça acumulamos em trinta anos de carreira, Da Costa... (*Mostra algo envolto em filme transparente*) Olha, na gaveta de baixo, lá no fundo, até encontrei um quilo de cannabis que eu tinha esquecido completamente.

Da Costa – Ainda bem que fez uma limpeza antes da chegada da Rodrigues. Certamente ela encontraria mais coisas para criticar sobre os nossos métodos de trabalho.

Carvalho – Fico imaginando o que o seu sucessor encontrará nas gavetas da sua mesa quando se aposentar, Da Costa.

Da Costa – Principalmente garrafas vazias. Você me conhece, chefe. Eu não mexo com drogas.

Da Costa dá outro gole. Carvalho cheira o pacote.

Carvalho – Não sei se ainda está bom.

Da Costa – Não há data de validade na embalagem?

Carvalho olha distraído.

Carvalho – De qualquer forma, vou guardar como lembrança...

Ele coloca o pacote na caixa.

Da Costa – Quando se aposenta, sempre tem um ou dois amigos com câncer ao redor, para quem um pouco de cannabis terapêutica pode ser um grande consolo. Se eu puder fazê-los felizes...

Carvalho – Obrigado pelo apoio, Da Costa. Significa muito para mim.

Da Costa – Vou sentir saudades, Carvalho. Nunca pensei que diria isso, mas desde que sei quem vai o substituir...

Carvalho – Sim, Rodrigues. Parece que ela já pegou antipatia por você.

Da Costa – Acho que não causei uma boa impressão, chefe. Não sei por quê...

Carvalho – Mas, quanto ao licor desta noite, meus parabéns. Levou um bom tempo para eu descobrir onde você tinha escondido as garrafas, não é?

Da Costa – Como você soube?

Carvalho – É simples. Perguntei a mim mesmo onde eu teria escondido.

Da Costa – E foi direto para a morgue. Sem dúvida, você é um grande policial, chefe.

Carvalho – Sim, acabei de fazê-lo confessar onde tinha escondido o champanhe, embora eu não tivesse a menor ideia.

Da Costa – Quanto ao champanhe, você pode se decepcionar.

Carvalho – É espumante?

Da Costa – Pior.

Carvalho – Eu sabia que o orçamento da polícia estava diminuindo, mas não pensei que Narizon me infligiria tal humilhação...

Da Costa – De qualquer forma, eu não disse nada. Tente fingir surpresa na frente da Narizon.

Carvalho – Um grande policial é, antes de tudo, um bom ator. O que fez com a baronesa?

Da Costa – Eu dei uns tapas nela para fazê-la falar, mas ela não quis me dizer nada.

Carvalho – Fazê-la falar sobre o quê?

Da Costa – Eu não sei. Não fiz perguntas a ela. Contava um pouco com confissões espontâneas.

Carvalho – Uau, Da Costa. Espero que você não a tenha colocado sob custódia. Você sabe que não podemos fazer nada sem a autorização do Procurador.

Da Costa – O Baronesa? Ela está tomando chá com a Narizon.

Carvalho – Às vezes, a doçura também funciona. A quantidade de senhoras idosas que fiz confessar o assassinato de seus maridos apenas oferecendo a elas uma infusão de maconha e alguns biscoitos.

Rodrigues volta.

Carvalho – Então, Comissária, como foi esse pequeno sauna? Tudo correu bem?

Rodrigues – Acabei de levar o corpo para a morgue para uma autópsia.

Carvalho – O legista nos dirá qual é a causa exata da morte.

Rodrigues – O que são todas essas garrafas de sidra na câmara frigorífica?

Carvalho – Bem, veja, Da Costa. A investigação está progredindo. Já sei o que beberemos na minha festa surpresa de despedida. Maldição, sidra...

Narizon chega.

Narizon – Não falem tão alto, a viúva está bem ao lado, no meu escritório... Então, é verdade? Henrique de Casteladrão realmente morreu?

Rodrigues – Sim... Seu corpo estava deitado em meio a uma poça. Diria que ele perdeu pelo menos cinco litros.

Narizon – Quer dizer de sangue, suponho?

Rodrigues – De suor! Nenhum ser humano sobreviveria depois de perder tanta água...

Da Costa – É verdade, nunca me fiz essa pergunta... O assunto do sangue mais ou menos sabemos. São cerca de cinco litros por pessoa. Mas quantos litros de água um corpo humano pode conter?

Carvalho – O corpo humano é composto por cerca de 60% de água. Deve ser cerca de cinquenta litros.

Da Costa – Cinquenta litros?

Carvalho – No seu caso, muito menos, Da Costa, fique tranquilo... Além disso, com a quantidade de álcool que você bebe, vou aconselhar o legista a não fumar durante a autópsia.

Narizon – Mas o que aconteceu com o barão? Todo mundo sabe que não se deve ficar mais de meia hora em uma sauna.

Rodrigues – Pelas minhas primeiras observações, ele ficou preso lá dentro. Tive que forçar a porta para tirá-lo de lá.

Da Costa – Que morte horrível. Nunca mais entrarei em uma sauna na minha vida.

Carvalho – Que isso não o impeça de tomar um banho de vez em quando. Até onde eu sei, ninguém morreu afogado ficando preso em um box de chuveiro.

Narizon – Então estamos considerando a possibilidade de um acidente. Se for esse o caso, devo admitir que prefiro isso.

Rodrigues – Infelizmente, não é tão simples assim, Senhora Comissária...

Narizon – O que mais há?

Rodrigues – Aparentemente, o barão havia tomado soníferos.

Narizon – Você está pensando em suicídio?

Rodrigues – A porta estava coberta de cola forte para evitar que ela fosse aberta.

Da Costa – Estou vendo o cenário, chefe: o cara engole os soníferos e cola a porta da sauna para garantir que não pode voltar atrás...

Carvalho – Se suicidar trancando-se voluntariamente em uma sauna? Em trinta anos de carreira, nunca vi isso...

Da Costa – Você encontrou um tubo de cola nos bolsos da vítima?

Rodrigues – Não.

Carvalho – Então algo não se encaixa no seu cenário, Da Costa.

Rodrigues – A menos que seja um assassinato.

Narizon – Oh não... Um suicídio... Agora um assassinato... Decidiram arruinar meu dia... Preferia muito mais a tese do acidente doméstico.

Da Costa – Como você sabe que o barão tinha tomado soníferos? A autópsia ainda não foi realizada...

Rodrigues – Encontrei um tubo vazio no bolso do paletó dele.

Carvalho – O paletó dele?

Rodrigues – Ah, sim, esqueci de mencionar esse detalhe. A vítima estava vestindo um paletó.

Da Costa – Vestir um paletó para ir à sauna, certamente não é comum.

Carvalho – Suponho que mesmo entre essa gente, nas portas das saunas não diz "traje a rigor obrigatório"...

Da Costa – Se for um suicídio, talvez ele quisesse sair com estilo. É verdade que para um cadáver, um paletó parece muito melhor do que um roupão.

Narizon – Bem, Da Costa, cadáveres não vestem paletó!

Da Costa – Isso também seria um bom título para um romance policial.

Carvalho – Mas isso não avança muito a nossa investigação.

Rodrigues – Ou talvez confirme a hipótese de assassinato. O assassino faz discretamente a vítima ingerir um sonífero com os mexilhões e deixa o tubo vazio no bolso do cadáver para fazer parecer um suicídio.

Da Costa – Mexilhões?

Rodrigues – Sim, mexilhões. Isso me faz pensar em uma possível conexão com outro caso...

Narizon – Encontramos mexilhões no estômago da vítima?

Rodrigues mostra um papel.

Rodrigues – Ele tinha um recibo de restaurante no bolso: "O Paraíso das Conchas". Fiz uma pequena investigação. É um restaurante localizado bem ao lado de um teatro, não muito longe daqui.

Narizon mostra a capa da Guia do Lazer, ou uma revista semelhante.

Narizon – Um teatro que está atualmente apresentando uma peça escrita por Henrique de Castelar...

Carvalho – Eu não sabia que você tinha essa paixão pelo teatro, Narizon...

Narizon – A baronesa acabou de me contar. Ela até me ofereceu dois ingressos...

Carvalho – Devo admitir que este caso está mais complicado do que parecia inicialmente...

Narizon – Vou tentar entrar em contato com o Procurador novamente para saber o que fazer...

Narizon sai.

Rodrigues – Conseguiram alguma coisa da baronesa?

Da Costa – Ela está calada como um túmulo.

Rodrigues – Bem... Vamos ver o que o médico legista pensa disso.

Carvalho – Dizem "mudo como um túmulo", Rodrigues, mas acredite em mim: os cadáveres muitas vezes têm muito mais a nos dizer do que os vivos.

Da Costa – E raramente mentem.

Carvalho – Um morto nunca vai decepcioná-la, Rodrigues.

Rodrigues – Obrigada por essa informação valiosa, que tenho certeza de que será de grande ajuda nesta investigação.

Rodrigues sai.

Carvalho – Parece que detectei um toque de ironia em seu último comentário.

Da Costa – Um pequeno estímulo, Comissária?

Carvalho – Bem, não faria mal. Agora que sei que esta noite estamos condenados a beber sidra sem álcool...

Da Costa – Melhor já chegarmos bêbados a essa despedida, não acha?

Eles se servem de uma boa dose de uísque cada um. Francisco Mascarrado entra no escritório. Ele está usando uma peruca e um bigode falso bastante chamativos. Em resumo, está claramente disfarçado, e o fato de os dois policiais não perceberem deve causar um efeito cômico.

Francisco – Bom dia, cavalheiros. Apresento-me, Francisco Mascarrado, autor de teatro.

Da Costa – Puxa, um autor de teatro agora... Realmente, é um daqueles dias...

Carvalho – Em que podemos ajudá-lo, caro senhor?

Francisco – Apresentei uma queixa há alguns dias contra Henrique de Casteladrão.

Carvalho – Ah, entendi. E por qual motivo?

Francisco – Ele plagiou uma de minhas peças. "Flagrante Delírio ". A peça está em cartaz há um mês em um teatro próximo.

Carvalho – "Flagrante Delírio "? Nunca ouvi falar dela...

Da Costa – Mas é claro, chefe, todos os veículos de comunicação falam disso. É um fracasso monumental.

Carvalho – Por que todos os veículos de comunicação falam disso se é um fracasso?

Francisco – Bem, Henrique de Casteladrão é uma pessoa muito conhecida. Mesmo quando fracassa, é um evento.

Carvalho – Entendi... E o que exatamente o trouxe aqui?

Francisco – Já havia conversado sobre isso com a Comissária Rodrigues, mas não recebi notícias.

Carvalho – É normal, ele está morto...

Francisco – O Barão de Casteladrão está morto?

Carvalho – Não, o Comissário!

Francisco – Ah, isso me tranquiliza...

Da Costa – Bem, o barão também está morto, mas...

Carvalho – Por enquanto, a notícia está classificada como confidencial...

Francisco – Mas isso não pode ser... Casteladrão está morto?

Da Costa – Parece que isso o afetou... Embora você não tenha motivo para lamentar, certo?

Francisco – Não, claro que não, mas...

Rodrigues retorna.

Carvalho – Senhor Mascarrado, permita-me apresentá-lo à Comissária Rodrigues.

Francisco – Pensei que ele estivesse morto!

Carvalho – Ela é sua filha...

Francisco – Meus pêsames, senhorita... E como ele morreu?

Da Costa – Isso também é classificado como confidencial.

Francisco – Não, eu estava me referindo ao barão...

Rodrigues – Ainda não temos certeza.

Carvalho – O Sr. Mascarrado é um autor dramático. Parece que Casteladrón plagiou uma de suas obras.

Rodrigues – Uma peça de teatro?

Francisco – Flagrante Delírio. Foi o pai dele quem estava encarregado da investigação.

Rodrigues – Sério?

Francisco entrega um livro e um DVD.

Francisco – Aqui está uma cópia da minha obra, publicada pela Editorial Mil-folhas, e uma gravação em vídeo da atuação de Casteladrón. Assim, você poderá constatar por si mesmo que se trata da mesma obra.

Margarida retorna.

Margarida – Onde está meu marido?

Francisco (*surpreso ao vê-la*) – Bem, vou deixar vocês então...

Carvalho – Isso mesmo... Vamos revisar tudo isso e manteremos você informado se houver novidades.

Francisco – Obrigado... Vou embora... Estacionei em um lugar para deficientes...

Francisco sai.

Rodrigues – Lamentavelmente, seu marido está realmente morto, senhora.

Margarida – Sim, eu sei, Narizon acaba de me dizer. Só queria confirmar visualmente.

Carvalho – Receio que o senhor barão não esteja visível por enquanto, querida senhora.

Rodrigues – Ele está na morgue. Eles...

Carvalho – Não deixaremos de fazê-la reconhecer o corpo assim que ele for devolvido à sua aparência humana...

Margarida – Bem, espero que não leve o dia todo, porque tenho outras coisas para fazer. Quero dizer, tenho que cuidar do funeral e tudo mais.

Rodrigues – Claro...

Margarida – E também preciso vê-lo uma última vez, para ter certeza de que ele realmente está morto. Para poder fazer meu luto, entendem?

Rodrigues – Entendemos perfeitamente, eu asseguro...

Carvalho – Da Costa, por favor, acompanhe a baronesa até o escritório da Comissária Principal.

Margarida – Está bem, jovem, eu sei o caminho... Embora, se pudesse encontrar um chá decente nesta casa...

Carvalho – Pergunte na recepção, o guarda é um grande especialista em chá.

Ela sai.

Da Costa – Ela não parece muito afetada pela morte do marido...

Rodrigues – Estão vendo? O que eu disse?

Carvalho – O quê?

Rodrigues – Claramente, vocês podem ver que esses dois casos estão relacionados!

Carvalho – Que casos?

Rodrigues – Mascarrado e Casteladrão! Sem mencionar a morte do meu pai...

Da Costa – É assim que vejo o cenário, chefe. Mascarrado denuncia Casteladrão por plágio. Como o pai de Rodrigues não conseguiu resolver o caso, Mascarrado faz justiça com as próprias mãos, trancando seu plagiador em uma sauna até que ele morra.

Rodrigues – E por que esse estranho modus operandi, na sua opinião?

Da Costa – Deve haver uma dimensão simbólica que estamos perdendo...

Carvalho – Você deveria ter sido escritor de peças de teatro, Da Costa. Mas há algo que não se encaixa em sua história. Por que Mascarrado viria à delegacia logo depois de matar Casteladrão?

Rodrigues – Para desvira a atenção. Quando não se quer parecer culpado, faz-se passar por vítima.

Carvalho entrega o livro e o DVD a Da Costa.

Carvalho – Dê uma olhada em tudo isso, Da Costa. Já que você é um especialista em roteiros. E discutiremos isso depois, certo?

Da Costa – Certo, chefe.

Rodrigues – Eu vou pesquisar um pouco sobre Casteladrão... Esse sujeito não me parece muito claro...

Ela pega um laptop e começa a digitar nele. Narizon chega.

Narizon – Então, em que ponto estamos?

Carvalho – Estamos progredindo, Narizon. Estamos totalmente dedicados à investigação. A menos que o Procurador Bombeiro já tenha pedido para enterrar o assunto junto com a vítima.

Narizon – Ainda não consegui falar com ele. Estou muito preocupada. Henrique de Casteladrão estava sendo considerado para substituir o atual Ministro da Cultura.

Carvalho – Nosso Ministro da Cultura está renunciando?

Narizon – Deve ser mantido em segredo, mas acabamos de descobrir que ele é analfabeto.

Carvalho – Pensei que ele tivesse estudado nas melhores universidades americanas...

Narizon – Aparentemente, eram diplomas falsos. Na realidade, ele nunca estudou. Segundo ele, sofria de fobia escolar. Vamos forçá-lo a renunciar antes que o escândalo estoure.

Rodrigues ergue o olhar da tela.

Rodrigues – Nesse caso, podemos ficar felizes por Casteladrão não substituí-lo...

Narizon – O que quer dizer com isso, Rodrigues?

Rodrigues – Suspeito que o barão seja um golpista profissional.

Narizon – Um golpista?

Rodrigues – Para começar, ele não é mais barão do que eu sou marquesa.

Carvalho – Ele não é marquesa? Quer dizer... O Barão de Casteladrão não é um barão?

Rodrigues – Ele simplesmente assumiu o sobrenome de sua esposa quando se casou. Quanto ao seu título nobiliárquico... na verdade, ele era apenas o marido da baronesa.

Narizon – Bem, hoje em dia não é proibido assumir o sobrenome da esposa. O que o autoriza a chamá-lo de golpista?

Rodrigues – Ele deve dinheiro a todo mundo. Está envolvido em uma dúzia de processos judiciais.

Narizon – Se ele nunca foi condenado...

Rodrigues – Apenas porque recorreu todas as suas condenações... Abuso de fraqueza, faturas falsas, fraude fiscal.

Carvalho – E agora plágio...

Rodrigues – Enganou meio mundo sob diversos pseudônimos.

Carvalho dá uma olhada na tela do computador.

Carvalho – Henrique... Veja, está escrito aqui! Até conseguiu se passar por filósofo...

Rodrigues – Este tipo é um mentiroso! Um ilusionista! Venderia a própria mãe só para aparecer nas notícias das 8 na televisão.

Narizon – Certamente, é por todas essas qualidades que ele estava sendo considerado para o cargo de Ministro...

Da Costa levanta a cabeça.

Da Costa – Sim, é a mesma peça, chefe. É exatamente a mesma história.

Carvalho – E sobre o que é?

Da Costa – Um caso policial bastante confuso. Que se parece muito com o que estamos investigando agora.

Carvalho – Ou seja?

Da Costa – Um sujeito encontrado morto em uma sauna... e um policial que morre engasgado com um mexilhão...

Rodrigues – Bingo!

Narizon – Você me assusta, Rodrigues...

Rodrigues – O sujeito que acabou de sair daqui não pode ser o assassino do barão.

Carvalho – E por quê?

Rodrigues – Porque Mascarrado e Casteladrão são a mesma pessoa!

Carvalho – O quê?

Carvalho – Como você descobriu isso?

Da Costa – Reconhecimento facial? Impressões genéticas?

Carvalho – Interpol?

Rodrigues – Wikipedia. Vejam, está escrito aqui. Francisco Mascarrado. Esse era o nome de Casteladrão antes de assumir o sobrenome de sua esposa ao casar-se.

Da Costa – Mascarrado é o sobrenome de solteira de Henrique?

Narizon – Quem é Mascarrado?

Carvalho – Um autor que acusava o barão de ter plagiado uma de suas obras.

Narizon – E ele denunciou a si mesmo?

Carvalho – O ápice do estelionatário... Denunciar a si mesmo para obter indenização...

Rodrigues olha novamente para a tela do seu computador.

Rodrigues – Quanto à suposta Baronesa de Casteladrão, ela é uma ex-estrela pornô. Fez fortuna produzindo filmes adultos no século passado.

Carvalho – Sabia que o rosto dela me parecia familiar...

Da Costa – Uma baronesa atuando em filmes adultos... Nem mesmo podemos contar com a nobreza nos dias de hoje para preservar a ordem moral.

Rodrigues – Baronesa... Ela obteve o título ao mesmo tempo que comprou um castelo em ruínas, que adquiriu em viuvez de um cego que morreu prematuramente em circunstâncias suspeitas.

Um momento.

Narizon – Mas... se Francisco Mascarrado e Henrique de Casteladrão são a mesma pessoa...

Carvalho – Significa que o barão está vivo. Mascarrado acabou de sair daqui!

Da Costa – Então, quem é o cadáver que encontramos na sauna com um smoking?

Negro.

Ato 3

Carvalho e Da Costa chegam e tiram seus casacos.

Carvalho – Isso é uma das poucas coisas que vou sentir falta a partir de amanhã, Da Costa.

Da Costa – Nossos almoços românticos, chefe?

Carvalho – Meus vales-refeição.

Da Costa – Quando você se aposentar, terá tempo para cozinhar.

Carvalho – Eu não conhecia este pequeno restaurante, é realmente agradável. Qual é o nome dele de novo?

Da Costa – O Paraíso das Conchas.

Carvalho – Ah, sim. De qualquer forma, a comida lá é muito boa.

Da Costa – Os mexilhões com batatas fritas são sempre bons.

Carvalho – Contanto que os mexilhões estejam frescos, Da Costa.

Da Costa – E contanto que não os engasguemos...

Carvalho – É verdade, esqueci disso. Foi onde Rodrigues morreu sufocado.

Da Costa – Felizmente, não nos lembramos disso, teria tirado nosso apetite.

Carvalho – Vamos considerar esta refeição no Paraíso das Conchas como uma espécie de peregrinação involuntária.

Da Costa – Nossa última homenagem a um colega que nos era tão querido. Como esquecemos de ir ao seu funeral...

O telefone de Carvalho começa a tocar.

Carvalho – Carvalho, estou ouvindo. Sim, Comissária Principal. Muito bem, Comissária Principal. (*Desliga*) Narizon está a caminho para identificar o corpo...

Da Costa – O que você acha disso, chefe?

Carvalho – O que eu acho disso? Pessoalmente, Da Costa, depois de uma boa refeição, prefiro ver uma garota bonita do que um cadáver. Tenho medo de que esse triste espetáculo não favoreça minha digestão. Espero que os mexilhões estejam bem seguros.

Da Costa – Não, eu quis dizer o que você acha deste caso.

Carvalho – Ah, sim... O caso... Bem, você estava certo, Da Costa. Essa história está se tornando um verdadeiro melodrama.

Da Costa – Quando se aposentar, você sempre pode transformá-lo em uma peça de teatro.

Carvalho – Vamos esperar para ver o final antes de decidir se vale a pena escrevê-la...

Um momento.

Da Costa – Posso lhe confiar algo, chefe?

Carvalho – O quê?

Da Costa – É um pouco desconfortável... Eu não sei como dizer isso, mas... Às vezes, sinto que estamos sendo observados.

Carvalho – Nós? Quem nos observaria?

Da Costa se aproxima da beirada do palco.

Da Costa – Eu não sei... Pessoas que não conhecemos, ali, na escuridão. Como através do espelho unidirecional de uma sala de interrogatório...

Carvalho – Ah, sim...

Da Costa – Eles pagaram para entrar, pelo menos alguns deles, e esperam que contemos uma história da qual nós mesmos não conhecemos o final.

Carvalho – Você deveria parar com o uísque, Da Costa. Você está ficando completamente paranóico...

Da Costa – Você nunca percebeu que este cenário tem apenas três paredes?

Carvalho – Que cenário?

Da Costa – A que estamos representando! Quero dizer, a peça em que estamos agora.

Carvalho – Realmente está me preocupando, Da Costa. Quando você sentir que está sendo perseguido por besouros gigantes, me avise e vou chamar o hospital para vir buscá-lo.

Da Costa – Não se preocupe, chefe, o delirium tremens só afeta alcoólatras que param de beber.

Carvalho – Nesse caso, estou aliviado...

Narizon chega acompanhada de Margarida.

Narizon – Eu sei que será um momento difícil, Baronesa. Pessoalmente, nunca suportei ver um morto...

Margarida – Em sua profissão, suponho que não seja fácil...

Narizon – No entanto, terei que pedir que identifique o corpo de seu marido.

Margarida – Infelizmente, mal há espaço para dúvidas... Mas suponho que seja obrigatório.

Narizon – Normalmente, é apenas um procedimento simples, de fato...

Margarida – Normalmente?

Rodrigues chega empurrando um carrinho no qual repousa sob um lençol o corpo de um homem muito alto, cujos pés se destacam do lençol. Ele está usando mocassins com borlas.

Margarida – Isso é uma piada?

Narizon – O que você quer dizer com piada?

Margarida – Não é meu marido!

Carvalho – A dor a está confundindo, querida senhora, é compreensível. Mas pelo menos espere para ver o rosto dele...

Margarida – Mas vamos lá, meu marido não era tão alto! E, acima de tudo...

Rodrigues – O quê?

Margarida – Nunca me casaria com um homem que usa mocassins com borlas!

Rodrigues – Mesmo assim, vou pedir que dê uma olhada no rosto dele.

Rodrigues levanta uma ponta do lençol. Margarida se aproxima, olha e fica petrificada.

Margarida – Meu Deus!

Narizon – É o seu marido?

Margarida – Não, exatamente.

Rodrigues – No entanto, parece perturbada.

Da Costa – Parece que ela lamenta não ser viúva.

Carvalho – Você conhece esse homem?

Margarida – Não, bem... Não, eu garanto... Nunca vi esse sujeito na minha vida.

Narizon – Bem, Da Costa, livre-se disso. Que horror... Eu não sei se ele já cheirava tanto dos pés em vida...

Da Costa sai com o carrinho.

Margarida – Acho que vou desmaiar...

Narizon – Devo admitir que também me deu enjoo. Vou dar-lhe algo para reanimar.

Ele abre uma gaveta na escrivaninha de Da Costa, pega a garrafa de uísque, enche uma xícara e oferece a Margarida.

Carvalho – Em princípio, o álcool é estritamente proibido nas delegacias, mas sempre guardamos uma garrafa em uma gaveta para essas ocasiões...

Margarida bebe o uísque de um gole. Narizon serve mais uma xícara e faz o mesmo.

Margarida – Ah, sim, não está ruim. Eu tomaria outra xícara...

Narizon serve mais. Da Costa retorna.

Da Costa – Guardei a carne na geladeira, chefe... Entre as duas caixas de sidra... (*Vê a baronesa bebendo seu uísque.*) Não se preocupe, sirva-se...

Narizon – Venha para o meu escritório, tomarei seu depoimento eu mesma... Dado que a vítima não é seu marido, a boa notícia é que você não é viúva.

Margarida – Se você diz...

Narizon sai com Margarida. Da Costa percebe que a garrafa está quase vazia.

Da Costa – Você viu isso, chefe? Um uísque espanhol de doze anos!

Rodrigues – Tenho certeza de que ela conhecia a vítima.

Carvalho – Agora só falta saber quem é esse falecido...

Rodrigues – E o que ele estava fazendo de smoking na sauna da baronesa...

Mascarrado retorna, com uma mala na mão.

Francisco – Desculpe incomodá-los novamente...

Carvalho – Bem, um ressuscitado...

Francisco (*envergonhado*) – É sobre a morte do Barão de Casteladrão.

Rodrigues – Exatamente, sua viúva está bem ali. Vamos chamá-la, você mesmo poderá apresentar suas condolências...

Da Costa – A menos que o senhor tenha vindo também para identificar o corpo.

Francisco – Tudo bem, eu admito. Sou o marido da baronesa...

Carvalho – Então, você não está morto.

Francisco – Aparentemente não.

Rodrigues – E por que apresentar uma denúncia contra si mesmo por plágio?

Francisco – Para fazer um pouco de publicidade para a peça!

Rodrigues – Publicidade?

Francisco – A peça é um fracasso... Um caso de plágio sempre vende... As pessoas pensam que se a peça foi plagiada, é porque merece ser. Portanto, é uma boa peça.

Da Costa – É um raciocínio torto, mas faz sentido.

Carvalho – O que nos garante que você não está mentindo de novo?

Da Costa – Sim, o que nos prova que você realmente é o Barão de Casteladrão?

Francisco tira o bigode falso e a peruca.

Francisco – Os grandes autores são aqueles que se plagiaram. A Henrique, ninguém nunca teve a ideia de plagiar uma de suas obras...

Narizon chega com Margarida.

Narizon – Vou acompanhar a Baronesa até o carro...

Margarida vê Mascarrado.

Margarida – Céus, meu marido!

Francisco – Margarida, querida!

Margarida – Mas como é possível?

Francisco – Sou realmente eu, Margarida. Não sou um fantasma.

Margarida – Oh, meu Deus, acho que vou desmaiar.

A baronesa finge desmaiar. Seu marido se apressa em segurá-la nos braços.

Da Costa – Meus olhos estão cheios de lágrimas.

Carvalho – Sim, quase poderíamos acreditar...

Narizon – Vamos deixá-los a sós por um momento para esta emocionante cena de reencontro...

Eles saem. Margarida recupera imediatamente a consciência.

Margarida – Então, o que você acha?

Francisco – Bem, muito bem.

Margarida – É isso tudo?

Francisco – Não, lhe asseguro, você é uma excelente atriz.

Margarida – É um papel fictício, é claro. Nunca interpretei uma baronesa antes.

Francisco – Sim, bem, exatamente...

Margarida – O que está acontecendo?

Francisco – Estou me perguntando se você não está exagerando um pouco, no entanto.

Margarida – Você acha?

Francisco – "Céus, meu marido"... Isso não está no roteiro...

Margarida – Bem, ok. Vou tentar internalizar um pouco mais.

Francisco – E você, o que acha da peça?

Margarida – Bem, muito bem...

Francisco – Percebo alguma reserva em suas palavras.

Margarida – Não, é original...

Francisco – Mas...?

Margarida – Não é muito realista, você não acha?

Francisco – Por que você diz isso?

Margarida – Esse idiota que morre trancado em uma sauna porque alguém colou a porta com Super Cola...

Francisco – Pelo menos, isso nunca aconteceu.

Margarida – Sim... Uma pessoa se pergunta por quê... Mas não tenho certeza de ter entendido tudo. No final, foi eu quem matou esse cara ou não?

Francisco – Espere até o final, você verá.

Margarida – Você tem certeza de conhecer o final?

Francisco – Sim, não se preocupe. Bem, vamos voltar?

Margarida – Está bem...

Carvalho, Rodrigues e Da Costa retornam.

Carvalho – Leve a Baronesa para o lado, Da Costa. Acho que ainda temos algumas coisas para discutir... Mas primeiro, quero falar com o marido dela...

Da Costa segura o braço de Margarida.

Margarida – Ei, tire as mãos de cima de mim!

Da Costa – Acabei de verificar sua filmografia no YouTube. Você não estava tão afetada naquela época. Aliás, qual foi o filme que lançou sua carreira como atriz?

Rodrigues – "O Paraíso das Conchas".

Da Costa – Ah, também é cinéfila...

Rodrigues – Estou falando daquele restaurante de frutos do mar ao lado do teatro. Todos os envolvidos nesse caso são amantes de mexilhões com batatas fritas. Você não acha estranho, Carvalho?

Carvalho está sonolento. Ele acorda ao ouvir seu nome.

Carvalho – Carvalho, estou ouvindo?

Rodrigues olha para ele com consternação. Da Costa e Margarida saem.

Rodrigues – Então, Casteladrão... Você tem algo a nos dizer?

Carvalho – A menos que prefira que o chamemos pelo nome de solteira...

Rodrigues – Vai nos contar quem é o morto de smoking que encontramos em sua sauna?

Francisco – Não faço ideia, juro.

Carvalho – Sim, claro, finja ser inocente...

Rodrigues – Era o amante de sua esposa?

Carvalho – O marido traído chifre que quer se livrar do amante de sua esposa. Um grande clássico das comédias teatrais.

Francisco – Já disse tudo o que sei... Admito que sou um trapaceiro, mas não sou um assassino.

Narizon volta seguido por Da Costa.

Narizon – Senhor Barão, é realmente o senhor?

Francisco – À vossa disposição, querida senhora...

Narizon – Ainda não tive a oportunidade de assistir à sua peça, mas ouvi falar muito bem dela.

Francisco – Sério?

Narizon – A Baronesa teve a amabilidade de me dar dois convites e...

Carvalho – Quando terminar com suas amenidades, podemos continuar com este interrogatório?

Narizon – Mas é claro, Comissário.

Rodrigues – O que tem nessa maleta?

Francisco – Nada importante, eu asseguro.

Carvalho (*mostrando sua placa*) – Polícia, abra-a.

A contragosto, Mascarrado obedece. Rodrigues examina o conteúdo da maleta e inventaria seu conteúdo.

Rodrigues – Identificações falsas, cartões de crédito falsos, cartões de seguro saúde falsos...

Carvalho – Até mesmo um cartão falso de trabalhador do espetáculo.

Francisco – Ah não, esse é real, eu juro.

Narizon – É incrível... Até diplomas falsos...

Francisco – Como não sei realmente criar personagens no teatro, eu os crio na vida real... Não é um crime.

Carvalho – Falsificação e uso de documentos falsos. De qualquer forma, é um delito.

Da Costa – Exceto em tempos de guerra e quando você está do lado certo. Mas isso só se sabe quando a guerra termina. E depende principalmente de quem ganhou a guerra...

Rodrigues pega um bloco de notas.

Francisco – Isso é uma lista dos seus clientes?

Francisco acena com a cabeça em silêncio.

Rodrigues – Um autêntico Diretório Social...

Francisco – Estou tentando ajudar amigos necessitados...

Rodrigues – Olhem isso, Carvalho. Ministros, juízes, promotores... Até mesmo policiais...

Carvalho – Sério?

Rodrigues – Não posso acreditar...

Narizon – O que mais?

Rodrigues – Preparem-se... Bombeiro está na lista.

Narizon – O Procurador Bombeiro?

Rodrigues – Este falsificador forneceu a ele seus diplomas falsos de direito!

Da Costa – Bem, considerando o quão lotadas estão as salas de aula de direito, especialmente no primeiro ano, alguém se pergunta se esse trapaceiro não deveria receber um prêmio acadêmico.

Narizon (*chocada*) – Bombeiro, um impostor...

Carvalho – É verdade, parece um sonho... Cinco ou seis anos de estudos superiores validados com apenas uma canetada.

Da Costa – Eu teria adorado ser piloto de linha, mas os estudos eram muito longos. Se eu tivesse a sorte de conhecê-lo naquela época, talvez não fosse um policial alcoólatra hoje...

Rodrigues – Não, você seria um piloto de linha alcoólatra.

Narizon – Um procurador falso... É inacreditável... Para onde isso está indo?

Carvalho – Sim...

Rodrigues – Vocês percebem? Bombeiro exerceu ilegalmente por trinta anos sem ter um diploma.

Francisco – Bem, não é como se ele fosse um cirurgião ou ginecologista...

Carvalho – Não é surpreendente que Bombeiro tenha passado a vida encobrindo certos assuntos relacionados com seus amigos...

Rodrigues – Da Costa, leve-o embora.

Da Costa sai com Mascarrado.

Narizon (*atônita*) – Esse caso está se tornando realmente complicado... Estava prestes a almoçar com o procurador, mas ele não apareceu.

Rodrigues – Almoçar com Bombeiro?

Narizon – Em um restaurante de mexilhões...

Rodrigues – O Paraíso das Conchas, suponho...

Narizon – Como você sabe?

Rodrigues – E se o Bombeiro tentou matar o Mascarrado para silenciá-lo.

Carvalho – Faz sentido. Mascarrado é um vigarista. Chantageia o procurador. Este decide eliminá-lo.

Rodrigues – E engana-se na pessoa.

Da Costa volta com o corpo no carrinho.

Carvalho – Você poderia parar de brincar com esse carrinho, Da Costa? Está ficando irritante...

Da Costa – Não é o Bombeiro o culpado, chefe.

Narizon – Preferiria que não fosse, mas como pode ter tanta certeza?

Da Costa – Porque ele é a vítima. (*Levanta uma ponta do lençol.*) O cadáver de smoking na sauna é o Bombeiro...

Narizon – Oh meu Deus, Senhor Procurador!

Todos se aproximam do carrinho para confirmar a evidência.

Negro.

Ato 4

Ambiente de interrogatório. Margarida está no banco em frente a Carvalho e Rodrigues. Carvalho levanta novamente uma ponta do lençol que cobre o cadáver no carrinho.

Carvalho – Insiste em que não conhece este homem?

Margarida – Não se contenham! Chamem-me de mentirosa!

Rodrigues – Como explica que o corpo dele tenha sido encontrado, vestido de smoking, na sua sauna?

Margarida – Existem mortes estúpidas, sabiam? Já ouvi falar de alguém que morreu engasgado com um mexilhão.

Rodrigues fica furiosa.

Rodrigues – Vou acabar com ela...

Margarida – Aviso que conheço pessoalmente o Ministro da Cultura.

Rodrigues – Porque o seu marido vigarista lhe deu um certificado de estudos falso?

Carvalho – Acalme-se, Rodrigues. Deixe-me fazer isso... Senhora Baronesa, por acaso conhece um bom oftalmologista que não faça esperar seis meses por uma consulta?

Margarida – Sim, há um muito bom logo em frente à minha casa. Vou dar-lhe o número de telefone, se quiser. Basta ligar em meu nome.

Carvalho – Seria muito gentil da sua parte, Margarida...

Rodrigues – O que isso tem a ver com a nossa investigação, Comissário?

Carvalho – Nada. É apenas uma técnica para ganhar a sua confiança. Além disso, quero fazer um par de óculos antes que o meu seguro médico expire...

Margarida – É verdade que os óculos não são bem cobertos pelo seguro...

Rodrigues (*indignado*) – Senhora de Casteladrão, está a ser infiel ao seu marido?

Margarida – Querida, essa não é uma pergunta adequada para uma mulher da alta sociedade.

Rodrigues – Lembro-lhe que fez fortuna atuando em filmes para adultos.

Margarida – Um erro de juventude.

Rodrigues – Então, permita-me ser mais direto: o homem que encontraram na sua sauna era o seu amante?

Margarida – Não direi mais uma palavra até que chegue o meu advogado.

Carvalho – Está a ver, eu disse a você, agora a intimidou...

Rodrigues (*a Margarida*) – Muito bem, esperará pelo seu advogado na sala ao lado...

Da Costa chega com a coroa mortuária e a coloca sobre o corpo do procurador.

Margarida – Você vai ouvir de mim, acredite. Não sabe com quem está falando.

Rodrigues – Nisso, pelo menos, estamos de acordo...

Margarida sai teatralmente, esquecendo sua bolsa.

Da Costa – É verdade que esse casal diabólico é bem difícil de entender...

Rodrigues olha para a coroa mortuária.

Rodrigues – O que está fazendo com isso?

Da Costa – Pensei que seria bom prestar uma última homenagem ao nosso querido colega e amigo, o Procurador Bombeiro... Sabe, Rodrigues, nos tribunais, no banco dos réus, há dois tipos de pessoas: aqueles que não conheciam bem a lei e aqueles que conheciam bem o juiz... Todos que conheciam bem o Bombeiro vão sentir sua falta, acredite.

Carvalho – Da Costa, em vez de filosofar, vá colocar o Procurador em um lugar fresco. Ele está como a justiça deste país, começando a cheirar um pouco.

Da Costa – Certo, chefe.

Da Costa leva o carrinho. Narizon volta.

Narizon – Informei o Senhor Diretor. Ele está extremamente preocupado, é claro. Ele nos pede para sermos muito discretos sobre esse assunto.

Carvalho – O que mais me preocupa é a minha medalha. Espero que, antes de morrer, o Bombeiro tenha tido tempo de mencioná-la ao Ministro...

Narizon – Você conseguiu arrancar alguma coisa da baronesa?

Carvalho – Nem sequer conseguimos fazê-la confessar a idade dela.

Narizon – Mesmo que ela diga que o procurador não era amante dela... Bombeiro tem a reputação de ser um grande mulherengo. Até eu, se quisesse...

Carvalho – Mas todos sabemos que você não usa seu corpo para ter sucesso, Senhora Comissária. Se o fizesse, nunca teria alcançado o cargo que tem hoje...

Da Costa retorna.

Da Costa – Bombeiro... Sempre pronto para partir e apagar os incêndios do amor.

Carvalho – Outro significado oculto nesse nome predestinado, com certeza.

Rodrigues – Isso não nos diz por que ele estava vestido de smoking na sauna da Baronesa.

Da Costa – Amantes muitas vezes se escondem em armários, por que não em uma sauna?

Carvalho – O que não faz muito sentido é essa história de Super Cola... Desde o começo, acho um pouco difícil de acreditar, não acham?

Mascarrado retorna.

Francisco – Se me permitem, reconheço que não foi a melhor ideia que tive.

Carvalho – E então?

Francisco – Que tal se dissermos que a porta da sauna foi selada do lado de fora com um martelo e pregos?

Da Costa – Pessoalmente, prefiro essa ideia. O que você acha, chefe?

Carvalho – Sim, bem... Se vocês quiserem... O que você acha, Senhora Comissária?

Mas Narizon está absorta na maleta de Mascarrado.

Narizon – Oh meu Deus... Mascarrado também falsificou o diploma de Ciências Políticas do Primeiro-Ministro! E aparentemente, os diplomas universitários de todos os ministros também são falsos.

Carvalho – Aí é onde isso realmente se torna uma questão de Estado...

Carvalho pega a bolsa da baronesa e se vira por um momento, aparentemente para examinar o conteúdo.

Rodrigues – Aqui está o cenário que vejo: para proteger o Primeiro-Ministro, o Ministro do Interior encomenda o assassinato do falsificador, mas os agentes secretos erram o alvo. Matam o procurador, amante da baronesa, que estava se escondendo na sauna achando que era um armário.

Narizon – Um crime de Estado que termina em um erro policial... Não gosto nada desse cenário, Rodrigues.

Da Costa – Ou talvez seja a baronesa quem queria se livrar de seu marido. E é seu amante, escondido na sauna, a quem ela mata por engano...

Narizon – Bravo, Da Costa! Prefiro muito mais essa versão!

Carvalho volta a colocar a bolsa e se vira para eles.

Carvalho – Isso transforma um assunto de Estado em apenas uma notícia. O Presidente permanece no cargo. O Ministro do Interior mantém seu cargo. E eu recupero minha medalha.

Narizon – Sem problemas e tudo acaba bem.

Rodrigues – Querem culpar a viúva?

Narizon – Temos que admitir que seria conveniente para todos...

Rodrigues – Exceto para ela, talvez. Se ela for inocente...

Carvalho – Um crime passional... Sempre se pode alegar insanidade temporária.

Narizon – Confio em você para obter uma confissão completa e detalhada da baronesa, Carvalho... Prefiro não testemunhar isso, mas você tem carta branca.

Carvalho pega a bolsa de Margarida e a examina.

Carvalho – Acredito que não será necessário recorrer à força, Senhora Comissária Principal. Vejam o que encontrei em sua bolsa.

Ele retira da bolsa um tubo de cola forte.

Rodrigues – A arma do crime! Um tubo de Super Cola!

Da Costa – Não tínhamos dito que, afinal, a porta da sauna tinha sido...

Carvalho tira da bolsa um martelo e pregos.

Carvalho – E também... um martelo e pregos!

Narizon – Incrível e perfeito! Então, ela realmente seria a assassina? Mas é maravilhoso!

Carvalho (*em voz baixa para Narizon*) – Fui eu quem discretamente colocou essas evidências em sua bolsa.

Narizon – Está vendo, Rodrigues, os velhos métodos ainda funcionam... Aprenda algo. Sentiremos sua falta, Carvalho. Não há mais policiais como você...

O telefone toca. Da Costa atende.

Da Costa – Sim? Não? Não pode ser verdade?

Narizon – O que mais?

Carvalho – Era da morgue. Aparentemente, o morto não estava completamente morto. Acabou de ressuscitar!

Narizon – Meu Deus!

Carvalho – Bombeiro está vivo?

Narizon – É um milagre!

Rodrigues – Lembro a todos que esse sujeito é um impostor.

Narizon – Não seja tão rígido, Rodrigues! Jesus também foi considerado um impostor em seu tempo...

Música eclesiástica. Iluminação sobrenatural. Narizon se ajoelha e faz o sinal da cruz.

Cena escura.

Ato 5

Da Costa traz de volta o suposto cadáver no carrinho, desta vez com um gotejamento.

Narizon – Mas como é possível? Ele passou mais de doze horas na morgue!

Rodrigues – O médico legista também trabalha com diplomas falsos. Na verdade, ele é um ator desempregado...

Carvalho – Vocês vão ver que a qualquer momento descobriremos que todos somos atores...

Narizon – Ainda assim, ele não parece muito bem...

Carvalho – Passar a noite toda em uma sauna a 90 graus e depois ser colocado diretamente no freezer da morgue a menos 20, obviamente causou um choque de calor e frio...

Da Costa – Por outro lado, certamente foi a mudança de temperatura que o ressuscitou.

Narizon – E esse gotejamento, o que é?

Da Costa – Bombeiro perdeu toda a água de seu corpo. Deixou cinco litros de suor na sauna. Estamos reidratando-o...

Margarida e Francisco retornam.

Narizon – Ah, a Baronesa... o Barão...

Francisco – Podemos saber o que está acontecendo aqui?

Margarida – Meu advogado ainda não chegou?

Carvalho – Acabamos de dispensá-lo. Vocês não o precisarão mais.

Margarida – O quê? Vocês não têm vergonha!

Carvalho – Não nos alteremos. Verão que tudo voltará ao normal.

Narizon – Sim, bem... Tenho uma boa e uma má notícia para vocês dois...

Francisco – Diga-nos.

Narizon – O amante de sua esposa ainda está vivo...

Francisco – Que amante?

Margarida – É a boa notícia, o que é?

Narizon – Portanto, vocês não serão acusados de tentativa de assassinato contra seu marido...

Francisco – Margarida? Você tentou me matar?

Margarida – É um mal-entendido, querido. Vou lhe explicar...

Narizon – Apresento as nossas desculpas e proponho encerrar este caso, que de qualquer forma ninguém entendeu desde o início.

Francisco – Então, estamos livres?

Carvalho – Tudo isso acabou por ser apenas uma má comédia de teatro...

Narizon – No entanto, poderia ter posto em perigo os próprios alicerces das nossas instituições políticas.

Rodrigues – Não tão rápido, Senhora Comissária... Ainda falta resolver as circunstâncias do desaparecimento do Comissário Rodrigues!

Narizon – O que os faz pensar que ele simplesmente não morreu estupidamente, como viveu?

Rodrigues – Meu pai estava investigando esse caso. Ele morreu em um restaurante chamado O Paraíso das Conchas, ao lado do teatro onde está sendo apresentada esta peça chamada *Flagrante Delírio*. Não pode ser uma coincidência.

Carvalho – Encontre o endereço desse teatro, Da Costa, vamos verificar.

Narizon – Mas, por agora, Rodrigues, vamos esquecer tudo isso. É hora de comemorar! Vamos brindar à aposentadoria do Comissário Carvalho!

Carvalho – Vamos lá, Da Costa, traga o champanhe...

Da Costa puxa algumas garrafas de sidra de debaixo do lençol que cobre o corpo no carrinho.

Narizon – Um copo, Baronesa?

Margarida – Com prazer. Mas por favor, me chame de Margarida.

Narizon – Senhor Barão... Um copo de champanhe falso?

Francisco – Obrigado, minha querida amiga. Vou agir como se estivesse bebendo.

O telefone toca. Carvalho atende.

Carvalho – Carvalho, ouço...

Da Costa – Vou sentir falta de ouvir isso...

Carvalho – Sim, Senhor Ministro... Certo, Senhor Ministro... Obrigado, Senhor Ministro... Queridos amigos, anuncio que amanhã receberei a "Medalha dos Heróis da Polícia" das mãos do próprio Ministro do Interior, pelos serviços prestados à Nação.

Narizon – Parabéns, Carvalho. Mais uma razão para nos alegrarmos com o desfecho desta investigação.

Rodrigues – O Ministro do Interior... esse impostor falsificou seus diplomas!

Narizon – Rodrigues... Se quiser fazer carreira na polícia, terá de aprender a ser um pouco mais flexível...

Francisco – Se começarmos excluindo todos os mentirosos, senhorita, não poderíamos formar um governo neste país.

Carvalho – Entenda uma coisa, Rodrigues: a justiça não está aqui para proteger os inocentes, mas para evitar que alguns culpados sejam injustamente perseguidos.

Narizon – E além disso, ninguém morreu! Felizmente, nesta história, apenas vamos enterrar o caso. Certo, Rodrigues? A vida continua...

Rodrigues – Meu pai morreu...

Da Costa – Entre nós, Rodrigues, verá que não há apenas inconvenientes em ser órfão.

Carvalho – Especialmente quando faz parte dos órfãos da polícia. Para começar, acho que eles têm um seguro de saúde muito bom.

Narizon levanta seu copo para brindar.

Narizon – O Comissário Rodrigues se foi! Viva o Comissário Rodrigues!

Carvalho – Bem-vindo à polícia, Rodrigues! Perde um pai, mas entra em uma grande família.

Narizon – Outro caso resolvido, Carvalho. Seu último caso.

Da Costa – E essa história de plágio, chefe? Deixamos sem acompanhamento?

Carvalho – Todos os autores são falsificadores, Da Costa... Veja, às vezes até plagiando a si mesmos.

Da Costa – Mas pelo menos eles não pretendem governar sobre nós.

Rodrigues – Comissário...

Carvalho – Carvalho, ouço.

Rodrigues – Verifiquei o endereço do teatro onde a peça *Flagrante Delírio* está sendo representada.

Carvalho – E daí?

Rodrigues – É o mesmo que o desta comissária onde nos encontramos...

Narizon – Quer dizer que... somos nós que estamos representando esta peça neste exato momento?

Francisco – Como disse Shakespeare: o mundo é um palco e todos nós somos atores...

Margarida – Vamos brindar ao nosso mestre, todos!

Levantam seus copos.

Todos – Pelo Shakespeare!

Cena escura.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Encontro na plataforma
Euro Star
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Pequeno homicídio sem consequências
Plagio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-022-3

Documento para download gratuito